

REPORT

JANEIRO, 2025

Relação Brasil - EUA: O que esperar em 2025?

Implicações da presidência de Donald Trump para o agronegócio brasileiro

REDAÇÃO: BELÉN PALKOVSKY
DIAGRAMAÇÃO: MARCOS FRANCIOZI

GRI *Club*

Índice Interativo

- Bem-vindo ao GRI Club
- Introdução
- O papel do Brasil
- Acordo Mercosul-União Europeia
- Impacto do dólar
- Oportunidades no setor energético
- Projeções dos líderes do agro brasileiro



CLUB PARTNERS



Bem-vindo ao GRI Club

A volta de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos promete redirecionar as dinâmicas globais, impactando diretamente setores estratégicos como agronegócio e infraestrutura. Diante desse cenário de incertezas e transformações, o GRI Club se destaca há mais de 10 anos como um agente fundamental na conexão de líderes e decisores, desempenhando um papel estratégico no fomento de políticas públicas e estruturação de iniciativas privadas que moldam o mercado.

Por meio de encontros exclusivos e um ecossistema único de networking, o Club reúne executivos C-Level, investidores e formuladores de políticas públicas para discutir soluções práticas, alinhar interesses e impulsionar avanços estruturais. Este relatório reflete a contribuição ativa do GRI Club em temas críticos para o Brasil, apresentando insights valiosos e estratégias que fortalecem o posicionamento do país frente às complexas transformações que ocorrerão em 2025.

Boa leitura!



MOISES CONA

Partner | Head of Infrastructure
and Agribusiness



Introdução

A reeleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos marca um novo capítulo nas relações globais e comerciais. Conhecido por suas políticas protecionistas e pelo discurso nacionalista “America First”, o retorno de Trump ao poder cria um cenário de incertezas para o comércio internacional, especialmente para parceiros econômicos que dependem do mercado americano ou chinês. No Brasil, o agronegócio – um dos principais pilares da economia nacional – pode ser diretamente impactado pelas decisões econômicas e geopolíticas da Casa Branca.

Este relatório tem como objetivo explorar os rumos do comércio exterior em 2025, com ênfase nas dinâmicas entre Brasil, Estados Unidos e China. A análise baseia-se em projeções de mercado elaboradas por membros do GRI Club e líderes do agronegócio e da infraestrutura no Brasil, oferecendo uma visão estratégica sobre as oportunidades e desafios que moldarão o cenário global nos próximos anos.



O papel do Brasil

Em 2025, o Brasil mantém sua posição como um dos principais atores no comércio internacional, alicerçado na força de suas commodities agrícolas e minerais. Produtos como soja, milho, carnes e minério de ferro não apenas sustentam a economia nacional, mas também consolidam o país como um fornecedor estratégico para grandes potências, como China, União Europeia e Estados Unidos.

Contudo, a volta de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos traz incertezas ao cenário econômico internacional, particularmente para mercados emergentes. Conhecido por seu protecionismo e discurso nacionalista, Trump já sinalizou que pretende endurecer as tarifas sobre produtos estrangeiros, com foco em países que impõem barreiras ao comércio americano. Em declarações recentes, ele afirmou: “Se países como Índia e Brasil nos taxarem, faremos o mesmo” - destacando os possíveis impactos para exportadores brasileiros, especialmente do agronegócio.

O mercado norte-americano - que absorve volumes expressivos de carne bovina, café e suco de laranja brasileiros - é vital para o setor agropecuário nacional. Algo parecido acontece com a China. No entanto, a dependência do Brasil em relação a esses mercados é maior do que a dos EUA em relação ao Brasil, por exemplo, tornando o país mais vulnerável às mudanças nas políticas comerciais de Washington.

Principais destinos das exportações do Brasil em 2024

	CHINA AL, BA, DF, GO, MA, MG, MT, MS, PA, PR, RJ, RS, RO, TO
	EUA CE, ES, SP, SC
	PAÍSES BAIXOS RN, SE
	ALEMANHA AM
	ESPANHA PB
	PERU AC
	ARGENTINA PE
	VENEZUELA AP, RR



Principais produtos exportados do Brasil em 2024



Fonte: Ministério da Fazenda - 2024

Durante a 16ª Cúpula do BRICS, realizada em Kazan, na Rússia, a criação de uma nova moeda alternativa ao dólar que fortaleça a independência do bloco foi amplamente discutida, mas imediatamente rebatida pelo governo americano, que ameaçou impor tarifas de até 100% sobre países que apoiarem a iniciativa. Caso essas tarifas sejam implementadas, o Brasil, como membro ativo, pode enfrentar desafios adicionais em suas relações comerciais com os Estados Unidos, sobretudo em setores estratégicos como o agronegócio.

Apesar das adversidades, o Brasil também vislumbra oportunidades. A transição energética global aumenta a demanda por minerais críticos, como lítio e terras raras, dos quais o país possui reservas estratégicas. A exploração desses recursos representa um caminho promissor para diversificar mercados e fortalecer sua participação em cadeias globais de valor. No entanto, capitalizar essas oportunidades exigirá investimentos em infraestrutura e inovação tecnológica a fim de superar gargalos logísticos e aumentar a competitividade.

A experiência do Brasil durante o primeiro mandato de Trump (2016-2020) serve como um alerta para os desafios que podem emergir. Durante aquele período, a guerra comercial entre Estados Unidos e China reconfigurou o comércio global de commodities. As tarifas impostas sobre produtos chineses abriram espaço para o Brasil se consolidar como o principal fornecedor agrícola da China, especialmente de soja, que passou a representar mais de 70% das importações chinesas do grão. Contudo, a pressão sobre os preços internacionais foi acentuada pelo aumento dos estoques americanos, resultado de subsídios massivos para agricultores locais. Esses subsídios permitiram que os EUA mantivessem sua competitividade mesmo em meio às tarifas, impactando negativamente o preço da soja na Bolsa de Chicago e, conseqüentemente, o mercado brasileiro.

Além disso, a dependência crescente do mercado chinês revelou certas vulnerabilidades. A assinatura da Fase 1 do acordo comercial entre Estados Unidos e China, em 2020, comprometeu a China a adquirir volumes substanciais de produtos agrícolas americanos, gerando incertezas sobre a continuidade do Brasil como principal fornecedor do mercado asiático. Paralelamente, a infraestrutura brasileira mostrou-se insuficiente para atender à crescente demanda por exportações. Portos e sistemas de transporte sobrecarregados elevaram custos logísticos e reduziram margens de lucro, evidenciando a necessidade de melhorias no setor.

Agora, diante de um cenário de maior tensão geopolítica e de políticas comerciais imprevisíveis, o Brasil se encontra novamente no centro do tabuleiro econômico global, com uma clara necessidade de diversificar seus mercados e investir em infraestrutura.

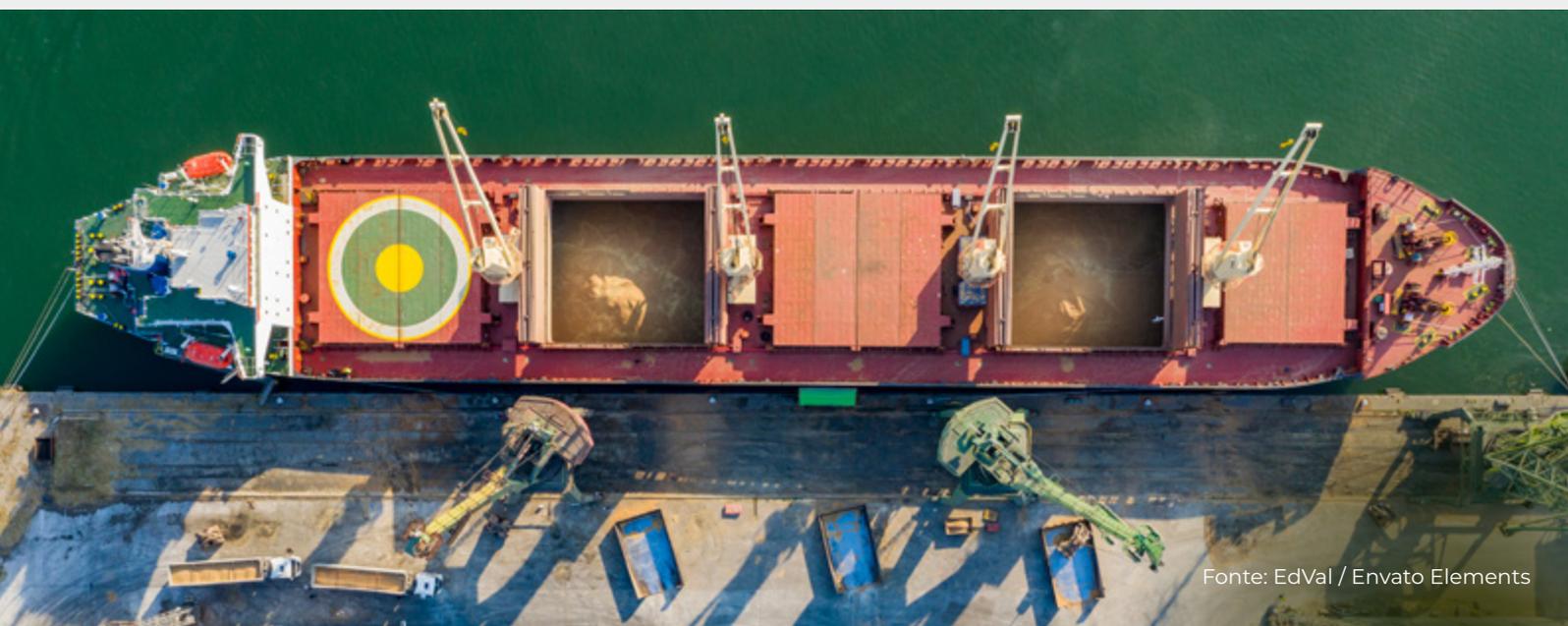


Acordo Mercosul-União Europeia

A postura protecionista americana, aliada à desvalorização de acordos multilaterais, levou os países do Mercosul e da União Europeia a buscar maior integração comercial para fortalecer suas economias diante das incertezas globais. Esse cenário posicionou o Brasil como um dos principais beneficiários do acordo, especialmente no setor agropecuário.

Quando plenamente implementado, o acordo entre Mercosul e União Europeia pode abrir portas para exportadores brasileiros ao reduzir tarifas e barreiras não tarifárias para produtos agrícolas nos mercados europeus, considerados altamente exigentes. Produtos como carnes, frutas e grãos terão maior acesso ao bloco, que tradicionalmente impõe tarifas elevadas e exigências rigorosas de qualidade e sustentabilidade. Sendo o Brasil o maior exportador global de carne bovina e de frango, estes setores podem se beneficiar diretamente da redução de tarifas, aumentando a competitividade do país frente a outros fornecedores.

No entanto, a transição para a implementação do acordo não será tão fácil. Um dos pontos mencionados é a necessidade de adaptação às exigências ambientais e sanitárias da União Europeia, que incluem metas ambiciosas de sustentabilidade e rastreabilidade de produtos agrícolas. A pressão sobre o Brasil para conter o desmatamento e implementar práticas mais sustentáveis no agronegócio é crescente, e o não atendimento a essas demandas pode limitar os benefícios esperados do acordo. *“O mercado europeu está disposto a pagar mais, mas exige padrões muito altos. Isso vai demandar investimentos e um esforço conjunto entre o setor público e privado para garantir conformidade”* - pontua um líder agropecuário.



Outro desafio é a resistência interna dentro do Mercosul e da União Europeia. Alguns países europeus, especialmente aqueles com setores agrícolas mais vulneráveis à concorrência externa, expressaram preocupação com o impacto do acordo em seus produtores locais. Da mesma forma, a complexidade regulatória dentro do Mercosul pode atrasar a implementação total dos benefícios tarifários para exportadores brasileiros.

A médio e longo prazo, o acordo também pode trazer benefícios indiretos, como a diversificação de mercados para o agronegócio brasileiro, reduzindo a dependência em relação a outras potências.

Impacto do dólar

A subida do dólar encarece os produtos brasileiros no mercado internacional, reduzindo sua competitividade, especialmente no setor agrícola. Produtos como soja, carne bovina e café, que representam uma parte significativa da pauta exportadora brasileira, enfrentam dificuldades para manter preços atrativos em um cenário de câmbio desfavorável. Além disso, insumos essenciais para a produção, como fertilizantes e maquinários agrícolas – amplamente provenientes de importações –, tornam-se mais caros, pressionando os custos de produção, o que significa ter de optar por menores margens de lucro ou repassar a inflação ao consumidor final.

Esse desequilíbrio foi apontado por especialistas como uma fragilidade, já que o aumento dos custos reduz a capacidade do agronegócio de competir em mercados globais altamente disputados.

Essa combinação de fatores também gera incertezas no ambiente econômico brasileiro, com investidores priorizando mercados mais previsíveis e seguros, o que reduz o fluxo de capital para o Brasil e amplia os desafios para o desenvolvimento da infraestrutura e o crescimento econômico. Essa dinâmica, combinada com a ausência de austeridade fiscal na política interna, tende a aumentar a volatilidade cambial.



Oportunidades no setor energético

Paralelamente, a transição energética global apresenta ao Brasil oportunidades estratégicas, graças às suas reservas de minerais críticos e à sua matriz energética predominantemente renovável. O país detém a terceira maior reserva de terras raras do mundo, estimada em 21 milhões de toneladas, além de ser o único produtor de “lítio verde”, posicionando-se como um importante fornecedor para tecnologias verdes, como baterias para veículos elétricos e turbinas eólicas. Esses recursos são fundamentais para a economia global de baixo carbono, mas sua extração e processamento no Brasil ainda enfrentam grandes barreiras.

Em 2023, segundo dados de Empresa de Pesquisa Energética (EPE) no Relatório Síntese do Balanço Energético Nacional 2024, as fontes renováveis representaram 49,1% da Oferta Interna de Energia (OIE) do país, consolidando o Brasil como um dos líderes globais em energia limpa. No setor elétrico, essa participação foi ainda maior, com 87,9% da matriz composta por energia hidráulica, eólica e solar fotovoltaica. Essa robustez energética não apenas reforça a posição do Brasil como um fornecedor estratégico para a transição global, mas também atrai investimentos, como os direcionados ao setor de data centers. Projeções indicam que os investimentos em infraestrutura de data centers no Brasil podem alcançar R\$60 bilhões até 2030, com o país se destacando pela baixa pegada de carbono associada à sua matriz elétrica renovável.





Fonte: Diegograndi / Envato Elements

Apesar do potencial, o Brasil enfrenta desafios estruturais para consolidar essa posição. A extração de minerais críticos, como terras raras e lítio, carece de infraestrutura moderna e tecnologia avançada para agregar valor às exportações, evitando a simples exportação de matéria-prima bruta. Além disso, lacunas no marco regulatório para o setor de energia e mineração desestimulam investimentos privados e internacionais.

As políticas econômicas dos Estados Unidos sob a liderança de Donald Trump adicionam complexidade a esse cenário. O protecionismo americano, com tarifas sobre componentes tecnológicos e insumos industriais, pode encarecer a expansão de setores estratégicos no Brasil, como o de data centers, já que muitos equipamentos dependem de importações dolarizadas.

O agronegócio, altamente dependente de insumos energéticos como diesel e fertilizantes, já sente os efeitos da alta do dólar nas importações. Além disso, o foco do governo americano em combustíveis fósseis e sua ausência de compromissos climáticos robustos enfraquecem os esforços globais de descarbonização. Essa postura ameaça os avanços brasileiros no uso de biocombustíveis e fontes renováveis no campo, colocando o agronegócio em uma posição vulnerável.

Projeções dos líderes do agro brasileiro

Membros do GRI Club, líderes do agronegócio e da infraestrutura, destacaram ações estratégicas que o país deve adotar para se posicionar de maneira competitiva no mercado global. A seguir, os principais pontos:

1. Investimentos em infraestrutura e logística

A necessidade de modernizar a infraestrutura de transporte e armazenamento foi amplamente debatida como uma prioridade para o Brasil. Com o agronegócio sendo um dos motores da economia nacional, a melhoria em estradas, ferrovias e portos é essencial para reduzir custos logísticos e ampliar a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional.

“Não adianta termos a melhor produção agrícola do mundo se não conseguimos escoá-la de forma eficiente. Estradas precárias e portos congestionados comprometem nossa competitividade e limitam nosso alcance em mercados globais.”

Além disso, o debate reforçou a importância de atrair investimentos privados por meio de concessões e parcerias público-privadas (PPPs). O potencial para aumentar a eficiência logística do Brasil com projetos bem estruturados nos principais corredores de exportação agrícola é de até 30%.

2. Diversificação e ampliação do portfólio de exportações

Os executivos são enfáticos sobre a necessidade de reduzir a dependência brasileira de poucos mercados, como China e Estados Unidos. A diversificação de destinos e produtos exportados é apontada como uma medida estratégica para mitigar riscos comerciais e geopolíticos.

“O Brasil tem que olhar para além de seus parceiros tradicionais. África, Oriente Médio e Sudeste Asiático são mercados com crescente demanda por alimentos e energia, e precisamos estar prontos para atendê-los”.

Adicionalmente, os líderes destacam a importância de fomentar exportações de produtos de maior valor agregado, reduzindo a dependência de commodities in natura.

3. Pragmatismo nas relações comerciais

A postura do Brasil nas negociações internacionais também foi amplamente discutida. O consenso é que o país deve adotar uma abordagem pragmática, buscando maximizar seus interesses comerciais sem alinhar-se automaticamente a qualquer bloco geopolítico.

“Precisamos parar de reagir às políticas dos outros e começar a agir com estratégia. É hora de o Brasil assumir uma postura de protagonismo, negociando com firmeza, mas com flexibilidade para aproveitar as oportunidades que surgirem, seja com os Estados Unidos, seja com a China ou a União Europeia” - conclui um executivo.

4. Sustentabilidade como Pilar Competitivo

A sustentabilidade é apontada como um eixo fundamental para garantir a competitividade do agronegócio brasileiro. Práticas agrícolas que promovam a redução do desmatamento e o uso eficiente de recursos naturais, como a adoção de tecnologias de agricultura de precisão, são destacadas como diferenciais importantes. Caso contrário, o Brasil poderá perder espaço em mercados como a União Europeia.



GRI Club

Fundado em 1998, em Londres, o GRI Club atualmente reúne mais de 18.000 executivos seniores em 100 países, atuando nos mercados de Real Estate, Infraestrutura e Agronegócio.

O modelo inovador de discussão do GRI Club permite que todos os executivos participem livremente, promovendo a troca de experiências e conhecimentos, networking e geração de negócios.

Os membros do Club também têm acesso a uma plataforma exclusiva para visualizar mais informações sobre os executivos e suas respectivas empresas, organizar reuniões e ter acesso irrestrito a todo o nosso conteúdo.

MAIS INFORMAÇÕES



MOISES CONA

Partner | Head of Infrastructure
and Agribusiness

moises.cona@griclub.org

GRI Club



GRI Club Agribusiness



GRI Club



@griclub.agribusiness

griclub.org